

"MARTINS FONTES: ESTUDANTE NO RIO DE JANEIRO - ASPECTOS INÉDITOS"

Rui CALISTO*

No início deste século o jovem José Martins Fontes matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seguindo vocação própria e talento absoluto na "Arte de Curar".

Estudou Química Médica com Tibúrcio Valeriano Pecegueiro do Amaral; História Natural Médica com Antônio Teixeira do Nascimento Bittencourt; Anatomia Descritiva com Ernesto de Freitas Crissiúma; Histologia com Raul Leitão da Cunha; Fisiologia com Antônio Rodrigues Lima; Matéria Médica, Farmacologia e Arte de Formular com Antônio Maria Teixeira; Bacteriologia com Antônio Dias de Barros; Patologia Cirúrgica com Pedro Severiano de Magalhães; Anatomia Médico-Cirúrgica com Augusto Braut Paes Leme; Operações e Aparelhos com Domingos de Góes e Vasconcelos; Patologia Médica com Pedro de Almeida Magalhães; Anatomia e Fisiologia Patológicas com Cypriano de Souza Freitas; Terapêutica com Henrique Ladisláu de Souza Lopes; Obstetrícia com Luís da Cunha Feijó Júnior; Medicina Legal e Toxicologia com Ernesto do Nascimento Silva; Higiene com Benjamin Antônio da Rocha Faria; 2º Cadeira de Clínica Cirúrgica com João da Costa Lima e Castro; Clínica Dermatológica e Sifiligráfica com Luiz da Costa Chaves Faria; Clínica Propedêutica com Miguel de Oliveira Couto; 1º Cadeira de Clínica Cirúrgica com Marcos Bezerra Cavalcanti; Clínica Obstétrica e Ginecológica com Érico Marinho da Gama Coelho; Clínica Oftalmológica com José Antônio de Abreu Filho; 2º Cadeira de Clínica Médica com Antônio Augusto de Azevedo Sodré; Clínica Psiquiátrica e de

(*) Presidente do Instituto Cultural e Humanístico "José Martins Fontes", de Santos.

Moléstias Nervosas com João Carlos Teixeira Brandão; Clínica Pediátrica com Cândido Barata Ribeiro; 1ª Cadeira de Clínica Médica com Nuno de Andrade; teve ainda como professores substitutos em várias cadeiras os Drs. Luiz Antônio da Silva Santos; Oscar Frederico de Souza; Julio Afrânio Peixoto; Francisco de Paula Valadares; Miguel da Silva Pereira; Antônio Sattamini; Augusto de Souza Brandão Francisco Simões Correa; Fernando Terra e Márcio Filafiano Nery.

Na Faculdade,

"...impôs-se logo pela simpatia que irradiava, pela naturalidade de maneiras, pela atração que exercia, pelo brilho e pela atmosfera espiritual que a sua presença criara. Discorria com facilidade, fluentemente, como se fizesse uma exposição; suas palavras inspiravam confiança, entusiasmavam pela riqueza de idéias e beleza de expressões...

...foi um estudante notável...

...Oscar de Souza, nosso professor de Fisiologia, figura das mais destacadas da Faculdade...

...fazia, por coincidência, anos num dia de aula. **Nós acreditávamos**, por isso mesmo, que ele não comparecesse à Escola. Puro engano. Na hora do costume, lá estava o mestre, de fisionomia risonha e ar satisfeito, para **deliciar-nos** com uma preleção que tomava, geralmente, a significação de uma conferência literária. Fontes levantou-se. Sala repleta de curiosos, colegas de ano e de outras séries do curso e, com voz firme, clara, quase musical e dicção impecável, fêz durante uns dez minutos o panegírico do professor tanto estimado. Foi um sucesso. A assistência toda vibrou de entusiasmo, não acreditava que o orador fosse capaz de tanto. Oscar de Souza, ele próprio, sob o efeito de uma profunda emoção, só pode articular, num forte abraço, estas duas palavras de agradecimento às felicitações recebidas: "muito obrigado!".

Fontes recebeu, nesse dia, uma real consagração dos companheiros da Escola; sua reputação estava feita. Daí por diante o seu prestígio cresceu vertiginosamente.

Não havia decisão a tomar, homenagem a ser prestada, data a ser comemorada sem que Fontes estivesse presente e uma parte ativa nelas tomasse. Sem Fontes ser ouvido nada se fazia e, com Fontes, só se fazia o que ele muito bem sugeria pois que, para **nós**, ele era um líder uma força e uma solução...

...Em 1908 realizou-se em Montevidéu o 1º Congresso Internacional de Estudantes Americanos. O Brasil fez-se representar por uma Comissão de 21 membros vindos da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul...

...Um Congresso de Estudantes nada tem de extraordinário. São alunos de cursos universitários que viajam para um país amigo na ânsia de conhecer terras estranhas, estreitar relações e contribuir desde cedo para o intercâmbio cultural e científico entre as nações do Continente. Para isso, uma coisa se torna indispensável: boas intenções, um plano bem traçado previamente e elementos que saibam representar condignamente e brilhantemente o país de origem a que pertencem. O Brasil foi excepcional nessa emergência e muito ganhou na consideração e no conceito de todo o Congresso. Pudera! **Tinhamos** como oradores as figuras mais destacadas da Comissão: Martins Fontes e Maurício de Lacerda...

...Não houve sessão oficial, jantar ou banquete de conagração, simples reunião social ou fortuita de congressistas e amigos sem que uma voz decidida e imperativa reclamasse aos berros: "Que hable Fontes! Que hable Lacerda!"¹

Devo neste instante, lembrar as palavras do Dr. Luciano Gualberto colega de Martins Fontes na Faculdade:

"...Sentado à minha esquerda, dentro do terno de linho branco, impecável, enorme rosa vermelha à lapela, chapéu de palha sôbre os joelhos, raspado, empoado, verdadeiramente apolíneo, um moço, vendendo saúde e alegria, parecia estar longe daquele hidrogênio, na plenitude de um sonho..."²

Foram anos de dedicação e estudo aos ensinamentos dos Mestres a que anteriormente me referi, mergulhando também com afinco em matérias como: Biologia, Sociologia, Psicologia, desenvolvendo com isso uma completa visão da Clínica Médica.

Nos dias em que era possível, ao final de tarde, reunia-se com os amigos na Confeitaria Colombo. E que amigos!

⁽¹⁾ Líbero, Nelson. **Yéyé, Martins Fontes na intimidade**. 1º ed. São Paulo, São Paulo Editors, (1963), p.16-23.

⁽²⁾ Penteado, Jacob. **Martins Fontes uma Alma Livre**. 1º ed. São Paulo, Liv. Martins Ed., (1968), p. 30.

"...o Rio de Janeiro era ainda uma cidade em transição: e, segundo a fórmula lançada por Figueiredo Pimentel - civilizava-se.

A cidade, ruas coloniais do tempo do brigadeiro Onça, com presídios do tempo do "Cortiço", de Aluizio Azevedo. Transformava-se nos costumes e nas fachadas. A rua do Ouvidor era ainda a "gran via" do **parnasianismo** que se reunia, às quatro horas da tarde, em volta do mármore de uma mesa redonda da "Confeitaria Colombo". Bilac, o chefe dessa caravana brilhante, pontificava; Emilio de Menezes, fungando atrás dos bigodes, soltava de vez em quando um trocadilho célebre, que corria imediatamente ao Flamengo e que era logo fígado pelo Raul Pederneiras, caça-trapos de todas as piadas; Coelho Netto dava à luz o se 45º volume e Bastos Tigre emborcava com método, das quatro horas em diante, na 'Colombo", o seu 43.000 chopp duplo...

Foi a época das inovações; criaram-se os sorvetes de côres e **novas elegâncias**. Senhoras elegantes, espartilhadas á "droit devant", espanejavam as imensas plumas de seus imensos chapéus sobre as mesas de chá das cinco, **no Lallet**; João do Rio, de óculos esfumados, por causa da luz forte da Guanabara, passeava o seu fraque de brim **através dos bastidores do Recreio**; Figueiredo Pimentel, com a sua extraordinária flôr multipetalada na botoeira do jaquetão talhado pelo Raunier fazia na quinta coluna da 'Gazeta de Notícias", o "Binóculo", rol de roupas das elegâncias do tempo. Sob o sol de Novembro, já as picaretas do Prefeito Passos cantavam na terra dura, demolindo os velhos sobradões azulejados do tempo do Sr. D. João VI, surgindo em seu lugar o branco e o rosa dos novos prédios da Avenida Central.

Asfaltavam-se as primeiras ruas, rolam os primeiros pneumáticos **das primeiras Panhards** e funda-se a famosa revista "Kosmos"..."³

E o jovem Martins Fontes lá está, envolvido com estudos, estágios e diversão nas horas vagas.

"...Seis meses depois Fontes era um dos nomes mais conhecidos do Rio.

(3) Amaral, Edmundo. **Martins Fontes**. In.: **In Memoriam Martins Fontes**. 1ª ed. São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, (1938), p. 65-66.

Bilac, o comedido Bilac, entusiasmado, considerava-o o seu discípulo querido; o artista de "Inverno em Flôr" profetizava por toda a parte o advento de um grande Poeta, e toda a mocidade dourada que fazia ponto na porta do Cavé e do Paschoal, toda a literatura nacional que escorava a porta do Garnier, às cinco da tarde, proclamava as frases do Fontes, as idéias do Fontes, as anedotas do Fontes.

Foi a fase azul e outro de sua esplêndida mocidade. Guanabara, no verde tropical do Oceano, do verde e da luz, era bem o cenário radioso para inspiração desse panteísta lírico. As tardes côr de cobre, iluminando a massa verde-escura das palmeiras imperiais, as noites brancas de luar branqueando praias e ilhas, que boiavam como tufo de folhagem na baía azul, toda essa festa iluminada e colorida que é a paisagem carioca, deslumbra e envolve o Poeta...⁴

Martins Fontes era pontual, ordeiro, esforçado, cuidadoso com os afazeres nas repúblicas em que morou. Preocupado com os amigos que conquistou; e foram muitos; dedicado aos colegas da Faculdade, que diziam entre si: "...podemos acertar nossos relógios pelo ritmo de vida de Martins Fontes...".

Poucos sabem que Martins Fontes, enquanto estudante, fora estagiário em várias Instituições médicas do Rio de Janeiro, uma delas, o: "Hospício Nacional de Alienados".

Estavam,

...no quadriênio áureo do benemérito governo Rodrigues Alves...

...na Saúde Pública, Oswaldo Cruz coberto de glórias, realizara o prodígio de extinguir a febre amarela. A capital do Brasil transformava-se rapidamente..."⁵

Juliano Moreira, indicado por Seabra, na época na Pasta da Justiça, para assumir a direção do Hospício...

...ampliou os serviços, modernizou os métodos de assistência psiquiátrica, de acordo com as idéias do Prof. Emílio Kraepelin...

(4) Amaral, Edmundo. Martins Fontes. In.: In Memoriam Martins Fontes. 1ª ed. São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, (1938), p. 67-68.

(5) Almeida, Dr. Waldemar de. Recordações do Poeta Martins Fontes. 1ª ed. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio - Rodrigues & Cia, (1949), p. 3.

...fundou bibliotecas, criou oficinas, museus, laboratórios, serviços cirúrgicos e oftalmológicos, reuniu um grupo selêto de alienistas, divulgando pelo mundo seus arquivos especializados, impressos em oficinas próprias, tornando o frenocômio um centro brilhante de estudos e pesquisas. O Instituto de Manguinhos e o Hospício Nacional rivalizavam, à porfia, para evidenciar nos centros médicos sua oporosidade e contribuição científica.

O grande esforço despendido por Juliano Moreira teve de ser interrompido por grave doença. A obra foi continuada por Afrânio Peixoto, psiquiatra de renome que se revelou grande administrador, terminando a reforma encetada. E o manicômio floresceu, dando frutos admiráveis.

Naquele tempo o Hospício tinha como auxiliares dos médicos quatro internos efetivos, por concurso, quatro extra-numerários e um assistente do Laboratório Anátomo-Patológico. Eram cargos que os acadêmicos de medicina disputavam pelo elevado conceito daquele meio cultural, muito ambicionados pelas vantagens que usufruíam: residência, alimentação de primeira ordem, farmácia, um vasto campo de aprendizagem experimental. O título de interno do Hospício valorizava o estudante, era uma honraria, uma recomendação para a vida prática.

Além disso, o ambiente científico facilitava a feitura das teses inaugurais que quase sempre eram premiadas com nota distinta na Faculdade. Dalí saíram muitos psiquiatras, neurologistas, etc., que foram prestar concurso para catedráticos na Faculdade de Medicina, ou dirigir serviços estaduais...

...Era natural que o estudante Martins Fontes tivesse sua atenção voltada para aquele meio superior...

...Aquele fgura singular, radiante de mocidade e de beleza espiritual parecia um paradoxo, pois a dois passos dalí nas enfermarias, dezenas de criaturas envoltas nas sombras da insânia, agonizavam ou ansiavam irrequietas.

Pouca gente de outr'ora e de hoje sabe nas rodas literárias e médicas que José Martins Fontes fôra interno do Hospício Nacional...

...Se não quis ser psiquiatra, cumpriu entretanto com as obrigações da velha casa: assiduidade ao serviço na Seção Esquirol, nos

plantões de dia, distinção em clínica psiquiátrica dada pelo Prof. Márcio Nery e nota distinta na defesa da tese inaugural sobre assunto de psicologia: "Do mimetismo em Síntese". Foi assim que ficou assinalada a passagem do Poeta pelo Hospício Nacional como estudante de psiquiatria.

No trato era uma figura excepcional, ruidosa, original. Martins Fontes possuía aquela fôrça mística que é o apanágio dos predestinados. Irradiava inteligência, simpatia e bondade. Tudo nele era espontâneo, sincero, sem afetação. Sua alegria natural fazia parte de seu temperamento, de sua personalidade...

...expansivo, sorridente e vivaz, a palavra rápida, a frase perfeita, concisa, de estilo elegante e pensamento imaginoso. Disputado no meio, admirado pelos companheiros, dominava sempre pelo trato acolhedor, pela sua empregante palestra que no dizer do poeta Galeão Coutinho era "um ofuscante jogo de pedrarias", pontilhada de casos picarescos, de anedotas chistosas, de contos jocosos, de fins imprevistos...

...Ocupava na Casa dos Internos a sala de frente que dava para o pequeno jardim...

...com o avental de Interno passava pela sala de almoço onde saudava cordialmente alguns colegas, atirava algumas piadas e ironias, parava na porta da cozinha cumprimentando alegremente nosso cozinheiro...

...Ia depois ao chuveiro e voltava lépido, trauteando trechos de ópera, sentando-se para almoçar, dando uma prosa aos presentes. Mudava de traje, saindo ligeiro em passo miúdo para o hospício. Era a hora de cumprir obrigações que fazia com correção. De caminho entrava na Sala do Serviço Sanitário onde assinava o ponto com sua letra redonda, muito regular. Dirigia-se à Seção Esquirol chefiada pelo erudito e saudoso Dr. Lúcio de Oliveira, examinava doentes, redigia observações, notas clínicas e receitava. Em casa demorava depois meia hora para se preparar, descendo à cidade impecavelmente trajado, barba rigorosamente escanhoadá, chapéu de palha picareta, de abas largas,

gravata azul, pintalgada de branco, camisa e colarinhos brancos, casaco azul marinho escuro, calça de flanela e borseguins amarelos, sem esquecer o habitual cravo vermelho à lapela..⁶

Lá ia Martins Fontes a caminho da sala de aula na Faculdade de Medicina. Foi aplicado e soberanamente impiedoso no estudo das lides médicas, como também do português, do francês, do latim, do inglês, do espanhol...

"...Possuía o talento sem a vaidade, a força sem a arrogância, a bondade sem a fraqueza..."⁷

Em toda a Faculdade, por todos os anos, tanto os Mestres quanto os alunos, quando queriam apontar algo sobre um colega, logo diziam: "aquele da Turma do Fontes!".

A Turma do Fontes! Assim ficaram conhecidos aqueles estudantes que com ele partilhavam as salas de aula.

Magistral o seu trato clínico, toda a cuidadosa e meticulosa forma em lidar com o paciente era exatamente como se fosse já um médico com décadas de prática; dizia que, embora estagiário e estudante, era um médico a partir do primeiro momento na Faculdade de Medicina; ciente de suas obrigações.

Como nota curiosa: o seu receituário médico em Santos, muitos anos depois, tinha no cabeçalho o seguinte:

"Dr. Martins Fontes

Consultório Médico-Cirúrgico dos Pobres

Consultas Gratuitas"

Ainda na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Martins Fontes estagiou em outras duas Instituições: o Instituto Manguinhos e a Santa Casa de Misericórdia.

"...O Instituto de Manguinhos nasceu no Instituto Soroterápico Federal, repartição municipal criada em 1900 pelo Barão de Pedro Afonso. Médico e cirurgião exímio, êle fôra, entre nós, o introdutor da

⁽⁶⁾ Almeida, Dr. Waldemar de. **Recordações do Poeta Martins Fontes**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio - Rodrigues & Cia, (1949), p. 3-7.

⁽⁷⁾ Silveira, Graco. **Martins Fontes**. In.: In **Memoriam Martins Fontes**. 1ª ed. São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes, (1938), p.103.

vacina Jeneriana e do soro andidiftérico; lutara com tenacidade e audácia quase sobre humanas para convencer a opinião pública da necessidade e da eficiência da vacinação que, na época, era taxada de bruxaria ou, pelo menos, de perversidade inútil. Tendo vencido esses primeiros obstáculos contra a ignorância, foi chamado pelo Governo a lutar objetivamente contra a doença, quando do surto de peste bubônica irrompido em 1900; criou, então, o Instituto Soroterápico destinado, inicialmente a preparar vacinas e soros contra a peste. Seleccionador de valores, dentro em pouco o Barão de Pedro Afonso tinha reunido sua equipe de trabalho, integrada pelos Drs. Ismael Rocha, Oswaldo Cruz, Figueiredo de Vasconcelos..."⁸

Foi o Instituto Soroterápico instalado na velha Fazenda de Manguinhos, situada nos subúrbios da Leopoldina. Com o passar dos anos foi construído o edifício em estilo mourisco, que hoje ainda lá está, imponente e suntuoso.

Várias foram as Divisões criadas no Instituto, vejamos algumas: Bacteriologia e Micologia, Vírus; Zoologia Médica; Fisiologia; Química e Farmacologia; Patologia; Estudos das Grandes Endemias; Higiene; Estação de Hidrobiologia; Hórto de Plantas Medicinais...

Foi criada uma excepcional Biblioteca e um Museu Patológico, laboratórios de Química e Seção de Controle; Sala dos Cursos e os Gabinetes de Preparação de Meios de Cultura e Esterilização; Desenho e Fotografia...

Oswaldo Cruz, em particular, de vez em quando chamava até sua presença o jovem Martins Fontes, para alí junto a si, inteira-lo do trabalho desenvolvido no Instituto de Manguinhos; e também para preparar a sua mente em direção a um possível cargo importante na História da Medicina do Brasil. O que de fato aconteceu quando, alguns anos depois, Oswaldo Cruz o nomeou: Médico-Responsável pela Comissão de Obras do Alto Acre, chefiada pelo engenheiro Antônio Manuel Bueno de Andrada.

Sabia Oswaldo Cruz que Martins Fontes, embora ainda estudante, tinha

⁽⁸⁾ Instituto Oswaldo Cruz. Arquivos, Rio de Janeiro, Ano I, Nº 1, p. 85, Janeiro-Fevereiro de 1947.

"...A necessidade de conhecer, a que os elementos anímicos de sua inteligência e de sua sensibilidade emprestaram tons amenos de nobreza, nêle em tal maneira se fixou, que não lhe foi possível suprimi-la do quadro de suas precisões vitais essenciais... Bem no espírito inflamado guardava a exclamação de Nietzsche contida no "Epistolário": "de todas as alegrias que descobri, a que eu menos quizera perder é a alegria do conhecimento!"

De estatura mediana, referto e inteiriço, olhos inquietos, pequenos e vivos, lábios enflorados por um sorriso irônico, braços sempre abertos para acolher - servia-o, como tônica mental, uma dialética de inspiração hegeliana, em que se desenvolvia a idéia por seu conteúdo de movimento: uma dialética fundamentalmente idealista aplicada à natureza das determinações do entendimento das coisas e, de maneira geral, de todo finito. Sobre isso, valia-lhe um talento de persuadir pela expressão natural do falar, a que jamais faltou a convincente entonação fisionômica. Fruía de uma eloqüência espontânea. O pensamento, entesourado de poderosas associações, era reflexivo e conceitual, e o verbo a acompanhar a desenvolução ideológica, vinha, fresco e revicado..."⁹

O que em muito chamou a atenção de Oswaldo Cruz em direção a Martins Fontes foi a dedicação com que o mesmo tratava os doentes, com uma forma individual, e um padrão elevado. Percebeu então, que aquela alma,

...Através de um apostolado que ensina, segundo Adler, a crer que a sobrevivência da humanidade está inseparavelmente ligada a ser bom..."¹⁰ era na forma mais pura da existência, o médico sensível, caprichoso e cuidadoso que um enfermo quer ter a seu lado na hora cruel do sofrimento humano."

Na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, as vicissitudes do ensino médico brasileiro sobrepuseram-se à História, ali estagiaram e foram Efetivos do quadro clínico alguns dos melhores entre os maiores de nossos médicos.

⁽⁹⁾ Silva, Hugo Santos. **Martins Fontes, tão simples e tão grande!** In.: **Duas Conferências**. 1.ª ed. Santos, Tipografia da Santa Casa, (1967), p.10

⁽¹⁰⁾ Silva, Hugo Santos. **Martins Fontes, tão simples e tão grande!** In.: **Duas Conferências**. 1.ª ed. Santos, Tipografia da Santa Casa, (1967), p.11.

"...Na Grécia antiga os médicos ensinavam a sua arte no **iatrum**, descrito sob o nome de Oficina Médica no 1º livro de Hipócrates. Construído na frente das ruas, com amplas portas por onde penetra bem a luz, era aí que os discípulos aprendiam em longas preleções e à cabeceira dos pacientes que sete doenças podiam atacar o fígado, doze a bexiga e quatro os rins. Gorgias, conta-nos Platão, era assíduo frequentador dessas oficinas. Foi só muitos séculos depois que elas se fundiram, sublimando nas célebres Escolas de Cós e da Cnídia, de onde se espalharam pelo pequeno mundo conhecido daquele tempo os profissionais e mestres na arte de curar.

É sabido que Roma, no seu período bárbaro, pretendendo conquistar o mundo, foi na verdade conquistada. A Hellade, vencida e subversa, transfundiu no algoz a sua seiva vivificante e de terras selvagens fez a Roma de Augusto, que, invadida pelas letras, pelas ciências, pelas artes, acabou subjugada pela força irremovível da civilização. Foi assim que durante muitos séculos a medicina só foi exercida em Roma pelos gregos; os seus naturais não inspiravam a maior estima e quando se queriam acreditar, acomodavam-se em um mimetismo literário; escrevendo os seus trabalhos em grego e quem sabe se helenizando o próprio nome.

Quando foi da expulsão dos estrangeiros, só os médicos deixaram-se ficar tranquilamente, amparados nos braços dos nobres e do povo, que os apelidavam: os senhores da vida e da morte, **imperatores vita necisque**; e tão superiores eram ao seu meio que o satírico Juvenal, diminuído, não querendo dizer que os gregos desciam do céu, assegurava que ao menos a ele subiam.

Eles transportaram para Roma os **iatrions**, a que batizaram de **Medicinae** ou **Medicatrinae**, albergados de empréstimo aqui e ali, nos ginásios, no templo da Paz, na biblioteca palatina, até que, sob Augusto, foi edificada sobre o Esquilino a primeira **Scola Mediculorum...**¹¹

Séculos depois, na cidade do Rio de Janeiro,

"...no vetusto e venerável Recolhimento das Orfans na Praia de Santa Luzia, **já os mestres daquele tempo**, alguns com as cabeças alvejadas

⁽¹¹⁾ Couto, Miguel. **As Alocações do Presidente da Academia de Medicina**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Tipografia Besnard Frères, (1923), p. 25-26.

pelas brancas, repetiam a súplica, ouvida dos seus velhos professores, de um abrigo austero e digno para o estudo da arte de curar; e esta espécie de herança se transmitia intacta de geração em geração...

De vez em quando as vozes se alteavam, implorativas ou imprecatórias, mas ali mesmo morriam sem éco, qual, no verso de Goethe, as águas que o navio fende e para logo se nivela...¹²

Tendo a necessidade em receber estagiários, o Hospital da Santa Casa de Misericórdia, acolhia de braços abertos, os estudantes que lhes eram enviados pela Faculdade de Medicina.

Em suas enfermarias, ocupou-se Martins Fontes a seguir o trato carinhoso e eficaz que vinha conduzindo os estudos, realizando também ali um trabalho louvado pelos mais experientes.

...Podendo com a sua cultura, levar-se ao posto de general no exercício dos esculápios, só lhe abrindo as portas do consultório o cartão de consulta paga prévia e largamente, não o quiz. Desceu até a turba, acolhendo a onda incabável dos sofredores. Porque a verdade é que não pode haver medicina sem bondade. A ciência pura é de extrema insuficiência. Quando o médico tem diante dos olhos um destes terríveis episódios do drama humano, a ciência se lhe torna precária e inútil. A bondade, sim, a bondade é que lhe vem tomar o lugar, expandindo-se em mil formas de ternura, na promessa enganosa, no gesto animador, na suavidade que minora e aplaca mais as dores que as picadas de morfina. Não existe, não existirá jamais grande médico que não traga uma resplendente auréola de bondade. É Potain na França, "o melhor dos homens e o mais perfeito dos médicos do seu tempo", é Souza Martins em Portugal, "o Santo Apóstolo", é o grande Miguel Couto entre nós.

Em Martins Fontes esta virtude se eleva ao mesmo grau...¹³ transformando seu estágio nas enfermarias do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro em um culto à nobre arte de curar,

"...O professor **Couto** acha que há duas espécies de bondade, uma que faz o bem com os olhos envolvidos para o Alto e não

(12) Couto, Miguel. **As Alocuções do Presidente da Academia de Medicina**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Tipografia Besnard Frères, (1923), p.149.

(13) Prata, Ranulpho. **Martins Fontes, Médico**. In.: Instituto Cultural e Humanístico "José Martins Fontes", Ano I, nº 1, em preparo.

se esquece de pedir o recibo em todos os selos, para a cobrança dos juros acumulados; a outra que faz o bem pelo bem que logra, porque sente o mal alheio como próprio: a primeira é um negócio, quando muito máu; a segunda é sempre um sofrimento. Ora Martins Fontes não se pode increpar de ter a primeira fôrma de bondade. Quando se desfaz em favores e benefícios, não *visa* a recompensa do Alto, porque não *crê* no Alto, é ateu confesso, e, não compreendendo, como *nós* católicos, o problema da dor, *clama* e *quase blasfema* ante o espetáculo da miséria humana.

A sua bondade é da segunda espécie. Se estende a mão e afaga, é porque sofre também.

O seu tipo moral é feito, assim de bondade e de beleza.

E como Beethoven, o gênio mais sofredor que transitou pelo mundo:

"Je ne reconnais pas d'autre signe de superioité que lá bonté" ...¹⁴

Alí, naquelas enfermarias, Martins Fontes inovou em matéria de assistência social, recebia por isso de todos quantos o rodeavam um carinho estremoso.

Era metódico, acompanhando todos os ensinamentos dos Mestres. Envolvia-se em pormenores, comentava, refletia, discutia. Era bulçioso e irreverente. Diziam os cariocas, que devia-se ao fato de ser jovem, o que discordo, porque na época de seu falecimento, aos cinquenta e três anos de idade, mantinha essas características.

Estudar seus escritos médicos, ou sua poesia, seus contos ou seu teatro é navegar nessa irreverência, nesse temperamento a que os amigos deram o nome de: vulcânico!

Exigia muito de sí mesmo. Era de sua natureza estar sempre insatisfeito. Queria render o máximo em todos os momentos.

Alí naquelas enfermarias nunca se desviou desse pungente anseio, seus colegas e professores o admiravam por isso, chegando alguns ao exagero da idolatria.

⁽¹⁴⁾ Prata, Ranulpho. **Martins Fontes, Médico**. In.: Instituto Cultural e Humanístico "José Martins Fontes", Ano I, Nº 1, em preparo.

Deixou marcas profundas na Cidade do Rio de Janeiro, tanto o artista, quanto o médico.

Um dia, a Faculdade chegou ao fim. Recebeu o diploma, o anel, o aplauso pelo discurso inflamado, a glória. Teve sua primeira obra publicada no ano de 1908, intitulada: "Da Imitação em Síntese"; vendida nos meios acadêmicos e nas livrarias cariocas, esgotou-se em uma semana. Foi para o Acre, lá permanecendo cerca de dois anos; quando retornou ao Rio de Janeiro escandalizou os meios literários e científicos, porque decidira clinicar em Santos, viver junto da família e dos pobres da terra que viviam com menos recursos médicos que os da "Cidade Maravilhosa".

No Rio de Janeiro as tentativas de convence-lo do contrário foram em vão. O Hospício Nacional de Alienados, o Instituto de Manguinhos, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia acenaram-lhe com vantagens e benefícios, convidaram-no a continuar, como médico efetivo, o trabalho excelente que iniciara como estagiário.

Martins Fontes disse adeus, a meu ver, à grande chance de sua vida, de ser comparado a Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Miguel Couto na Medicina; Machado de Assis, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira na literatura.

A História de uma Nação tem início com os grandes feitos de seu povo; e este povo só poderá agigantar-se se compreender o que significa a salvação de sua memória, de sua História, de suas Raízes!